

A relação entre lírica e a ação ética na poesia encomiástica em Ademar Bogo

Janderson Silva Santos¹

Resumo

733

O presente artigo tem como objetivo fazer um estudo introdutório sobre a configuração da lírica na poesia encomiástica do poeta Ademar Bogo. Pretende-se contextualizar a ação ética no âmago da luta de classes tendo como referência a relação dialética entre o indivíduo e o Gênero Humano na vida cotidiana. A devida proposta possui como finalidade uma análise crítica dialética contextualizando o sistema literário brasileiro, além de apresentar a concepção estética do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, no qual, Bogo foi um dos seus principais pensadores teóricos. O estudo busca identificar em que medida o elemento social e ético se estabelece na estruturação poética, no entanto, o presente trabalho fará uma breve apresentação do poeta, da poesia encomiástica e do conceito de estética e realismo que será desenvolvida na tese, que se encontra em fase inicial de elaboração. Os estudos preliminares apontam para uma formação literária inserida numa sociedade em contradição, em que, a formação social de sujeitos individuais é mediada por ações éticas que apontam a necessidade de superação capitalista. Sendo assim, existe uma possibilidade de que na poesia encomiástica de Ademar Bogo esteja presente esteticamente o núcleo da vida e sua crítica social.

Palavras-chave: *Crítica Estética Dialética. Literatura Brasileira. Poesia encomiástica contemporânea. Ademar Bogo.*

¹ Professor voluntário na Faculdade UnB Planaltina – FUP - UnB.. É membro do grupo de pesquisa Literatura e Modernidade Periférica do Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (PósLit – UnB), Linha de pesquisa: Crítica Literária Dialética.

1. Introdução

*Um pouco menos...
Um pouco mais...
Vivem aqueles que não lutam.
Mas os que lutam,
Não são medidos pelo tempo;
Nem mais, nem menos:
São eternos.
Perdem as gerações que no agora choram;
Ganham as gerações que os tomam como exemplo.*
(Além do tempo) Ademar Bogo

734

Nas circunstâncias atuais, em que as relações sociais capitalistas enaltecem a individualidade como o mais nobre dos valores, que importância poderia ter a criação de poesia encomiástica² que apresenta como elemento temático o indivíduo. Será que essas poesias poderiam transfigurar as ações humanas individuais e nos apresentar no processo de luta pela superação da lógica mercantil uma perspectiva de ação ética do gênero humano. Nessa perspectiva, nos indagamos sobre quem é Ademar Bogo e o que significa sua poesia. Como está configurado o conteúdo social que estrutura a construção estética das homenagens. Qual o seu *locus* e sua importância na literatura brasileira contemporânea.

Ademar Bogo, que vive na Bahia, é agricultor, escritor e poeta. Foi um dos principais fundadores e pensadores orgânicos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. Possui dezenas de livros publicados, entre eles, *O Vigor da Mística* (2002) publicado pela ANCA/SP; o romance *Arquitetos de sonhos* (2003) e o livro filosófico *Identidade e Luta de Classes* (2011), ambos publicado pela editora Expressão Popular. Há ainda, um acervo de poemas, em que o poeta qualifica como sendo “pedagógicos³”, por serem

²“encomiástica” são os poemas feitos para homenagear pessoas vivas ou que faleceram. No caso específico de Ademar Bogo, sua poesia faz homenagem aos lutadores que em vida tiveram uma atuação em defesa da dignidade humana, lutando contra as formas de injustiças. Muitos dos seus poemas não apresentam em seu conteúdo o nome do sujeito falecido.

³ Também poderíamos dizer literatura engajada, com um conteúdo explícito de tese política em defesa da reforma agrária, das lutas sociais e do comunismo. Esses poemas também merecem uma análise profunda, pois sua qualificação de “pedagógico” é superficial, levado em consideração apenas o que o próprio poeta comentou num contexto informal.

produzidos para auxiliar na formação política dos membros da Organização. Além disso, e objeto de nossa investigação, Bogo possui um conjunto de poemas dedicados aos lutadores sociais que faleceram, nos quais, em um estudo preliminar, identificamos que a forma social configurada nessas poesias não se trata exclusivamente de uma exaltação individual, mas sim, coletiva, uma elaboração em que o sujeito social vive uma tensão entre a subjetividade individual e a tentativa de ações éticas no coletivo, mediadas pela luta de classes.

Ao longo da história, a poesia encomiástica vem sendo produzida com diferentes aspectos, mas pouco estudada em sua concepção lírica e de crítica literária. Desde a Grécia antiga, perpassando pela república romana e chegando ao Movimento literário do Barroco português, no Brasil, temos em Gregório de Matos algumas produções desse gênero, porém, o poeta priorizou a sátira, pois a poesia encomiástica é vista quase sempre como sendo simplesmente uma exaltação a determinados indivíduos com enorme importância política, considerada muitas vezes inferior em relação aos outros gêneros, como por exemplo, as sátiras.

No entanto, Aristóteles, um dos percussores a pensar sobre este tipo particular de poética, a qual denominava gênero epidítico. Ao tratar desse tema na obra *Retórica*, apresenta quatro virtudes essenciais na qual uma pessoa deve possuir para que seja digna de homenagem, sendo elas: Justiça, Coragem, Temperança e Sabedoria.

Talvez, um dos motivos pelo abandono crítico da poesia encomiástica esteja no seu caráter temático de exaltação e glorificação dos homens que possuíam o poder político, em geral, reis, imperadores e nobres. Penso que a fortuna crítica se apegou mais na temática desse gênero do que na análise dialética desse conteúdo condensado em forma poética, de maneira estética, em um contexto histórico específico da formação humana.

Diante disso, a tese levanta algumas questões para entender a relação entre a singularidade do indivíduo que é elemento constituinte das poesias encomiásticas e a totalidade da vida social. Será que existe uma tensão entre o singular e o universal na constituição dessas poesias como forma estética em defesa do gênero humano? Como se configura a lírica nessas obras e qual é sua integridade estética? Essas questões norteiam essa tese que pretende analisar na obra de Ademar Bogo o papel dialético da literatura como instrumento de representação, interpretação e modo de ser histórico no processo da formação e organização humana.

Tendo em vista que a função da literatura esta ligada a complexidade da sua natureza, sendo necessário para sua compreensão um processo investigativo que estabeleça as conexões existentes entre os elementos contraditórios intrínsecos na obra literária, confrontando o factual e o ficcional, juntando texto e contexto, identificando os eixos estruturais que possibilitam uma pesquisa dialeticamente íntegra, sendo a obra uma particularidade artística, iniciamos o caminho da crítica pelos elementos internos, buscando identificar no objeto estético sua centralidade, estrutura e seus elos conectivos com as contradições da humanidade.

Por isso, a arte se apresenta como reflexo da realidade, constituindo-se no movimento de transfiguração, um mundo em si mesmo, no entanto, mantendo uma articulação recíproca com a realidade factual, ou seja, uma totalidade refletida por conexões singulares e universais em que se integram dialeticamente num jogo de negação e afirmação apresentando as contradições pertinentes ao objeto estético, mostrando uma possibilidade de mudança no que se encontra aparentemente estático.

Nessa perspectiva, a literatura realista na concepção Lukasiana, apresenta os limites estruturais da sociedade capitalista como relações

reificadas⁴ e as análises preliminares, dessa tese, busca entender como a representação das conexões existentes entre o singular e universal são representados no processo histórico em que esta intrínseca as ações humanas.

Nessa lógica, uma interpretação dialeticamente íntegra perpassa pelo afastamento da realidade, podendo com isso, representá-la. Compreendendo o objeto estético como um mundo em si mesmo, tanto que a natureza da arte se configura como objeto construído nele próprio, ambiente e objeto diferenciam-se para poderem afirmar-se, ou seja, a autonomia estética da arte é composta por essa tensão intrínseca e dialética entre o mundo real e o mundo literário.

Essa pesquisa vem mostrando a complexa estruturação da arte como mediadora das relações existentes no modo de produção da vida social, por isso, a difícil tarefa de encontrar as categorias determinantes desse objeto estético que nos revela as conexões humanas, que na vida cotidiana esta ofuscada por relações reificadas.

Com isso, este artigo pretende apresentar o início investigativo da tese, na qual, o contexto da poesia encomiástica de Ademar Bogo e os mecanismos na formação da cultura capitalista apontam inicialmente que se configuram como eixo estruturador, ações éticas individuais como mediação entre forma social e forma estética.

Nesse sentido, esperamos superar as aparências dos fenômenos que são estigmatizados na poesia encomiástica e atingir o âmago da estrutura artística, apresentar uma crítica das ações humanas e suas determinações históricas e contraditórias.

⁴ Reificação: é o ato – ou resultado do ato – de transformação das propriedades, relações e ações humanas em propriedades, relações e ações de coisas produzidas pelos homens, que se apresentam como coisas independentes do homem e passam a governar sua vida.

2. Vida cotidiana e transfiguração estética: um exercício do realismo artístico

[...]
Nós, voltamos a Alameda
E sentimos o pulsar dos corações
Tangendo lágrimas sinceras
São sentimentos reunidos de várias gerações.
E lá distante, as crianças entram para a escola
E a professora, lembra o dia 4 com poesia! [...]
(Venceste, Carlos) Ademar Bogo

738

Na medida em que as forças produtivas das sociedades vão se desenvolvendo, os processos culturais sofrem alterações significativas, e com isso, a visão de mundo sobre a realidade histórica em que a humanidade esta inserida vai se modificando juntamente com o modo de produção material da vida social. Assim também, a arte e a literatura apareceram e se tornaram historicamente um modo peculiar de conhecer o mundo real e, com especificidades, diferenciando-se da religião e da ciência, isso, foi possível somente quando as sociedades se tornaram mais complexas, com o desenvolvimento das forças produtivas, na medida em que a ação do trabalho humano transforma a natureza e o seu meio social, que em princípio atende a necessidades elementares de sobrevivência e que ao longo da história vai abrindo novas possibilidades e tornando possível a construção das bases estéticas para o surgimento da arte.

As elaborações estéticas das literaturas são constituintes do seu contexto social e histórico da sua produção, no entanto, se forem organizadas e hierarquizadas com determinações que apresente como práxis a vida humana em movimento de enfrentamento de contradições, certamente ultrapassará os limites existenciais de sua circunstância temporal, as quais foram produzidas. Podemos citar como exemplo, a *Odisseia* e a *Ilíada* de Homero; *O Fausto* de Goethe; *Ilusões Perdidas* de Balzac; *Morte do Leiteiro* de Carlos Drummond, *Poema sujo* de Ferreira Gullar e tantas outras obras que encantam e emocionam por

suas profundidades estéticas e que certamente permanecerão despertando essa fruição artística para sempre, isso porque, nelas estão condensadas de maneira artística a extensividade, a totalidade da vida cotidiana, transfiguradas em ações humanas que nos possibilita vivenciar uma particularidade estética, onde a relação dialética entre a aparência e a essência da vida cotidiana, quase sempre ofuscada pela alienação, nos é revelada pela arte autêntica, então, nossos sentidos são transformados esteticamente, com isso, podemos experimentar, pela arte, o núcleo da vida, ou seja, perceber a virtude da vida humana ofuscada pela alienação.

Além da descoberta do núcleo da vida, a arte autêntica possibilita uma visão de mundo mais qualificada, uma crítica da vida, ao se deparar com as ações humanas em desenvolvimento histórico enfrentando contradições e tentando superá-las, o leitor, apreciador da arte é convidado a tomar partido, a se posicionar a favor da ética humana desalienada.

Por isso, núcleo e crítica são elementos intrínsecos à construção estética autêntica, parafraseando Marx (2010), as obras de arte se constituem por relações humanas em progresso contraditório e quando temos contato com elas revivemos o processo histórico como se o passado fizesse presente e tomamos conhecimento de nossa humanidade. Lukács (1968) sintetiza isso da seguinte forma:

Nas grandes obras de arte, os homens revivem o presente e o passado da humanidade, as perspectivas de seu desenvolvimento futuro, mas os revivem não como fatos exteriores, cujo conhecimento pode ser mais ou menos importante, e sim como algo essencial para a própria vida, como momento importante também para a própria existência individual. (LUKÁCS, 1968, p. 268-269).

Neste sentido, podemos dizer que as obras de arte e em especial a literatura, possui uma característica realista quando é intensificada no conteúdo e na forma, uma particularidade estética, onde a relação dialética entre o singular e o universal é transfigurada em tipos de indivíduos, nos quais, suas ações sociais configuram contradições e possibilidades de seu tempo histórico,

apresentando conseqüentemente aos destinos humanos as possibilidades existentes conforme a necessidade histórica, ou seja, agindo, segundo Lukács (1968), de maneira antropomorfizadora⁵.

Vejamos que, sem detalharmos, é possível perceber que para cada conteúdo social das relações humanas, a construção estética impõe uma forma artística, é por isso, que a literatura fala da vida humana e é indissociável das circunstâncias históricas e vivas. Assim, a arte literária envereda pelos campos do cotidiano da vida real, criando uma segunda aparência estética, onde as ações são reveladas de maneira profundamente artística, de maneira que, a vida humana na sua essência, nos mostra as contradições de um tempo histórico, mas ao mesmo tempo, nos aponta algo novo como potencialidade em gestação e intensifica nossa humanidade, humanidade esta, que muitas vezes, é ofuscada pela extensividade, pela diversidade da vida cotidiana.

Pensando na organização da vida social capitalista, permeada pela produção fetichista nas relações humanas, nos perguntamos que sentido ou que função possui a arte nesse mundo reificado pelo capitalismo, tão hostil à vida humana e ao desenvolvimento artístico. De modo que, encontramos na concepção lukacsiana uma resposta, que aponta o processo de desfetichização como uma das funções centrais da arte verdadeiramente íntegra, na qual as determinações estéticas se articulam com a vida cotidiana, pois ao se apresentar como necessidade humana, a arte estabelece uma relação intrínseca e contraditória, porém indissociável com a causalidade e casualidade, ou seja, assim como na vida as ações humanas possui certa limitação na interposição com natureza, com seu próprio desenvolvimento histórico material e com os possíveis acidentes ocasionados por eventuais situações extraordinárias, assim também ocorre na construção artística na qual interpõe uma necessidade estética que esta submetida às condições naturais, históricas e sociais, por isso também, ontológica :

⁵ **Antropomórfico:** *Antro* = Homem; *Mórfico* = Forma. Na literatura a antropomorfização representa a figura humanas individuais em ação apresentado um destino.

Além disso, segundo Aristóteles (*Arte Poética*), não cabe à arte narrar esteticamente apenas o que aconteceu, isso, para ele, é tarefa das ciências historiográficas, a arte precisa potencializar o que poderia ter acontecido segundo a necessidade e o necessário, para que se condense nessas construções a generalidade humana em seu processo contraditório de desenvolvimento material da vida social, ou seja, a arte cria uma particularidade, onde as ações humanas são intensificadas de maneira que o processo da singularidade possa coagular com a universalidade, então, nós leitores poderemos perceber ao mesmo tempo nossa individualidade subjetiva e nossa generalidade objetiva, ou seja, o que é típico de cada individualidade pertence ao típico do que é toda a história humana enquanto gênero. Sendo o inverso, dialeticamente válido.

Neste sentido, a arte é uma criação com potencialidades de intensificação do que é humano, e serve de modelo de liberdade, pois, a arte possibilita aos seres humanos planejar uma humanidade sem reificação, mesmo no mundo regido por uma lógica individual e consumista temos exemplos de ações éticas individuais que nos apontam novas perspectivas.

Pensando nisso, temos nas poesias encomiásticas, de Ademar Bogo, essa intencionalidade, os sujeitos homenageados buscaram em vida agir de maneira ética, temos que ver se o poeta conseguiu transfigurar essas ações éticas em ações estéticas, constituindo um todo artístico.

Pois que, a arte literária deve construir uma ligação dialética entre o efêmero e o necessário, assim ultrapassar as coisas episódicas da vida cotidiana e mostrar as conexões humanas entre o sujeito e o objeto, para podermos conhecer e entender a unidade histórica da totalidade humana, isso significa, que o singular e o universal são mediados por contradições históricas, isso na literatura chamamos de particular estético.

Sendo assim, é próprio da condição humana ultrapassar o casual e a causalidade, ocorre que disso depende a sua humanidade. No entanto, na atualidade, sobre a égide do regime fantasmagórico, vivemos sobre a aparente relação entre mercadorias que ocultam as relações entre os seres humanos. Ou

seja, existe uma condição fetichista que interpõe ilusórias necessidades desumanizadoras à vida humana.

Nessas relações fetichizadas, o trabalho e a arte tornam-se hostil aos seres humanos, há uma transformação nas relações humanas com a natureza, o trabalho se torna estranho e a arte distante da vida social. O humano aparentemente se torna um mero objeto em meio ao mundo coisificado.

Com isso, o processo de estranhamento do trabalho nas relações capitalistas é a expropriação do ser com o bem que ele produziu, tornando-se alienado do mundo ao qual constrói através da organização do modo de produção material e da vida social, retirando do ser as potencialidades de sua humanidade.

Contudo, a relação dialética da arte, como memória do passado e possibilidades futura, e do contexto histórico de sua produção, possui o potencial de apresentar um novo conhecimento ao ser, mostrando uma humanidade que estava ocultada por forças fetichizadas. Segundo Frederico (1997) “Arte é memória da humanidade, o indivíduo passa por um processo de educação e de reencontro com o gênero humano”.

Por isso, a arte, verdadeiramente íntegra, se constitui como crítica da vida e núcleo da vida, ou seja, a partir do reflexo estético, mostra-nos as contradições da vida social em sua dimensão histórica, e mostra possibilidades de superação e desenvolvimento da humanidade, afirmando com isso, a potencialidade da arte numa dimensão desfetichizadora, ao mesmo tempo em que denuncia esteticamente a reificação humana, recusa com a mesma força estética, o mundo da alienação.

A este respeito Celso Frederico, recorrendo a Lukács, tem a seguinte opinião:

A força evocativa, segundo Lukács, deve-se ao fato de que na arte o passado é feito presente. Este passado atualizado não diz respeito somente à vida anterior de cada indivíduo. O que é posto em relevo é o *caráter social da personalidade humana*. O indivíduo, perante a figuração estética, pode se generalizar e, assim confrontar a sua existência pessoal com a epopeia do gênero humano, retratada num momento determinado de sua evolução pela arte. Ocorre, assim, uma

elevação da subjetividade ao campo concreto da particularidade, a um momento determinado do autodesenvolvimento do gênero humano retratado pela arte. E isto torna possível graças ao fenômeno próprio da grande arte realista: *a catarse*. (FREDERICO, 1997, p. 64-65).

Pensando assim, podemos dizer que a arte luta pela humanização, no entanto, possui sua própria lógica, esta ligada a vida cotidiana, mas, a supera para poder em primeiro plano apontar as contradições das relações fantasmagóricas, elaborar novas perspectivas e fazer uma crítica da vida, por isso, elabora suas próprias regras, para com isso pode falar do mundo, ao apresentar-se subjetivamente falando de si mesmo, objetivamente vai apresentando o núcleo da vida humana no mundo social. Em segundo plano, a arte apresenta outra visão da humanidade, tomando uma posição diante da vida, apresentando novas possibilidades de superação da reificação, tornando-se desfetichizadora.

Diante disso, a missão da arte, no estágio correspondente ao nosso tempo histórico, deve ser evidenciar os limites estruturais do capitalismo, desmascarando-o nas relações da vida cotidiana fetichizada, superando, mas não anulando a singularidade da vida social e apresentar a universalidade do mundo humano, assim como, colocar em evidência os limites históricos através da experiência do prazer artístico como conhecimento do mundo reificado, apontando concomitantemente novas possibilidades para uma vida não reificada. Esta é uma arte realista, pois apresenta os nexos entre singular e universal da vida nos limites estruturais e espirituais do desenvolvimento humano.

Segundo Marx (2010), vivemos a pré-história da humanidade porque a potencialidade humana ainda não foi realizada em sua totalidade e vivemos ainda no mundo das necessidades e é preciso viver no mundo da liberdade, sendo a causa desse impedimento da vivência plena as relações alienadas e fetichizadas criadas de forma objetiva e subjetiva no mundo capitalista.

O conhecimento desfetichizado evidencia o caráter humano da vida social e a arte potencializa esse saber à medida que desmascara as contradições

e retifica as relações entre os humanos e suas mediações com a natureza. Na retificação existe uma tomada de posição no sentido estético, ao superarmos o desmascaramento das relações fetichizadas, ocorre à possibilidade de passarmos a pensar sobre os sentimentos e sensações, (Aristóteles diz purgação dos sentimentos) isso nos eleva a reconhecer nossa singularidade diante da universalidade do gênero humano e dialeticamente o seu oposto, conhecemos então, o processo de evolução histórica da vida humana, e mais, reconhecendo os problemas de nosso tempo, reformulamos a necessidade de superar a coisificação.

Tendo como referência a evolução do pensamento de Lukács, constatamos que a relação com a cotidianidade não é visto como um mundo negativo/inautêntico mais sim como o ponto de partida da arte, para que em seguida se distancie do cotidiano imediato e realize a efetivação estética criando uma particularidade estética, organizando a relação dialética do singular com o universal, ou seja, o artista seleciona da extensividade da vida social os elementos que serão intensificados no mundo artístico, esta escolha, não depende exclusivamente da posição de classe do artista, mas é de fundamental importância que seja da realidade concreta tal como ela se apresenta no contexto histórico.

Assim, a arte busca na vida cotidiana concreta, no mundo das aparências, os elementos que irão compor uma segunda aparência, onde se concentra as relações fetichizadas; então, percorrem-se as determinações e os nexos para desocultar as relações humanas imergidas na essência; em seguida retorna a vida cotidiana, agora, de forma artística, transfigurando esteticamente a aparência e expondo as contradições da vida histórica em processo de desenvolvimento.

Quando a arte consegue estabelecer esta relação com a vida cotidiana e isso se torna perceptível por parte do apreciador da obra de arte, podemos dizer que nesse momento é vivenciada a Catarse estética.

Segundo Aristóteles (1964), catarse é o momento da purgação das emoções, quando o apreciador de uma obra de arte passa a pensar sobre seus sentimentos; para Lukács, a catarse é própria de toda arte realista, pois permite o processo de aprimoramento do ser humano, quando a arte faz o processo de retorno ao mundo cotidiano, a arte apresenta a complexidade e generalidade da vida humana porque se faz conhecer não só os limites, mas também as possibilidades de sua superação, no processo catártico, o indivíduo reconhece o gênero humano, reconhece que sua singularidade esta conectada com a universalidade da vida humana, por isso ele se eleva a um grau de conhecimento que lhe permite entender as contradições do mundo histórico. O cotidiano evidencia as necessidades e possibilidades da história social. Nas palavras de Celso Frederico:

Pela catarse o indivíduo obtém a superação de seus limites ao identificar-se com o gênero humano, com a causa da humanidade. Na fruição da obra de arte, o espectador suspende a sua vivencia cotidiana alienada e se reencontra com o gênero humano, confrontando-se com os eternos problemas da espécie que o artista conformou num contexto particular. (FREDERICO, 1997, p. 65).

Este processo nos leva ao reflexo estético, a dialética entre sujeito e objeto, que na arte, ocasiona o efeito antropomorfizador, intensificando a percepção do indivíduo como sujeito histórico atuando em determinadas circunstâncias objetivas.

O processo antropomorfizador ocorre pela relação dialética entre inerência e substância, ou seja, na arte a aparência se contrapõe a essência sem que esta anule a aparência, formando uma unidade estética, ao contrário da ciência que prioriza a essência em detrimento a aparência procedendo ao efeito desantropomorfizador.

Ao pesquisar certo objeto, inicia-se um processo de abstrações e à medida que se vai conhecendo as determinações e conexões do objeto chegam-se ao concreto do pensamento, assim, o realismo estético tem como pressuposto a relação entre substância e inerência, onde ambas formam uma unidade. Em que na inerência apresentam-se elementos da substância e vice versa, e na arte

esse movimento de mão dupla entre o singular e o universal forma o tipo, por isso, o indivíduo carrega o gênero humano e é nessa generalidade que se estabelece o estético e o político.

Isso também acontece na poesia onde a voz lírica divide com o indivíduo leitor uma intersubjetividade, vivência e compartilha dores e alegrias condensando e transfigurando uma experiência individual, numa coletiva. O eu lírico, a partir de uma subjetividade estética, desloca o olhar para uma dimensão universal, estabelecendo uma ordem lógica, uma verossimilhança, no sentido de conectar à vida, a cotidianidade é apresentada na relação dialética entre a aparência e essência; sujeito e objeto, por isso, históricos, estéticos e políticos.

A superação ética do sujeito em relação a sua condição de gênero humano se estabelece pela ação humana, esse processo de percepção do mundo na sua totalidade é o que denominamos efeito catártico, ética e estética estabelece a ordenação racional dos sentimentos humanos oculto pelo individualismo fetichista.

Sendo assim, a catarse é o processo de reconhecimento da singularidade em sua dimensão universal, pertencente à totalidade do gênero humano. Com isso a ação humana eleva eticamente do singular à universal, definindo um caráter estético e político para elevação da consciência social.

Portanto, a arte fala da vida, isso é simples e complexo ao mesmo tempo, isso é ético, estético e político. O velho traz em seu germe a possibilidade do novo, assim, ao nos depararmos com os limites estruturais da vida retificada, devemos desocultar as relações humanas que são o cerne do mundo social e perceber a possibilidade de superação histórica da coisificação. Os extremos trazem consigo também suas probabilidades e cabe à ação humana superar as necessidades e se apropriar da liberdade.

A arte, de certa maneira, com sua eficácia estética vem nos mostrando ao longo da história, modelos de liberdade, insistindo na necessidade vital de nossa humanização. Cabe à ação humana intensificar essa humanidade na vida

cotidiana e superar as mediações fetichistas, que nos impedem de viver plenamente as potencialidades humanas no reino da liberdade.

Por isso, as poesias encomiásticas podem ser uma configuração de indivíduos que agem de maneira ética no seu tempo histórico fazendo o que é possível dentro dos limites circunstanciais de suas ações, no entanto, essas tentativas mostram possibilidades sociais que sujeitos históricos ousam enfrentar e o poeta condensou em poesia.

747

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES, *Ética de Nicômaco*. Tradução de Cássio M. Fonseca. Biblioteca Clássica, 3ª Ed. São Paulo, 1957.

BOGO, Ademar. *A linguagem das mercadorias em Marx*. 116f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Orientador: Prof. Dr. Mauro Castelo Branco de Moura. Salvador, 2013.

_____. *Além do tempo*. 2011. In: <http://www.mst.org.br/node/11676> acessado em 06/07/2014.

_____. *Venceste, Carlos*. In: <http://www.blogdogusmao.com.br/v1/2009/11/04/venceste-carlos/> acessado em 06/07/2014.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul 2006.

CARVALHO, Luiza Helena Rodrigues de Abreu. *As características do gênero demonstrativo em Cícero, Horácio e Quintiliano*. *RÓNAI: REVISTA DE ESTUDOS CLÁSSICOS E TRADUTÓRIOS* -V.2 N.1 pp. 41-54 - UFJF - JUIZ DE FORA, 2014.

FREDERICO, Celso. *Lukács: um clássico do século XX*. São Paulo: Moderna, 1997.

_____. "A arte em Marx: um estudo sobre os *Manuscritos econômico-filosóficos*". In: Revista Novos Rumos. Marília: UNESP, nº42.

<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/novosrumos/issue/view/177>

LUKÁCS, G. "Narrar ou descrever?", In: Ensaio sobre literatura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, p. 92. *aput*: apostilha da Prof.^a Ana Cotrin, 2013, p.13).

_____. **Introdução a uma estética marxista.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. **Marxismo e Teoria da Literatura.** 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

_____. **Ensaio sobre literatura.** Coordenação e prefácio de Leandro Konder. Volume 58. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1965.

_____. **Estética. Tomo II. La Peculiaridad de lo Estético. 2. Problemas de Mímesis.** Traducción castellana de Manuel Sacristan. Ediciones Grijalbo, S.A. Barcelona – México, D.F, 1966.

_____. **“Concretização da particularidade como categoria estética em problemas singulares”.** In: *Introdução a uma estética marxista.* Sobre a categoria da particularidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

MARX, Karl; FRIEDRICH, Engels. **Cultura, arte e literatura:** Textos escolhidos. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política.** 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. **O CAPITAL - CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA - VOLUME I LIVRO PRIMEIRO - O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO CAPITAL - TOMO 1.** Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. Editora Nova Cultural - Círculo do Livro. São Paulo – SP, 1996.

TEIXEIRA, Ivan. **Retórica e Literatura.** Fortuna Crítica. CULT Revista. PP. 42-45. São Paulo, Julho de 1998.

VEDDA, Miguel, **“György Lukács y la fundamentación ontológica de lo estético”.** In: *La sugestión de lo concreto.* Estudios sobre teoría literaria marxista. Buenos Aires: Gorla, 2006, p.57-103.

_____. **“Posição teleológica e posição estética: sobre as inter-relações entre trabalho e estética em Lukács”.** In: VAISMAN, Ester e VEDDA, Miguel (organizadores). *Lukács: estética e ontologia.* São Paulo: Alameda, 2014.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **As ideias estéticas de Marx.** 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

